

casamentologia: a ciência e a arte de permanecer juntos

belinda luscombe

Tradução de Nanci Marcelino

Para o Edo, que, graças a Deus,
prefere desportos de resistência.

*Coração, és grandioso quanto baste
Para um amor que não esmorece?*

–ALFRED, LORDE TENNYSON

*O casamento é uma instituição maravilhosa,
mas quem quer viver numa instituição?*

–AUTOR DESCONHECIDO, MAS NÃO FOI O TENNYSON

ÍNDICE



INTRODUÇÃO • 13

CAPÍTULO 1 Familiaridade • 23

CAPÍTULO 2 Forjar discussões • 51

CAPÍTULO 3 Finanças • 79

CAPÍTULO 4 Família • 103

CAPÍTULO 5 Fazer amor • 129

CAPÍTULO 6 Fazer por procurar ajuda • 157

AGRADECIMENTOS • 179

ANEXO Três dúzias de perguntas para
alcançar a intimidade • 181

NOTAS • 185

INTRODUÇÃO

Já reparou como celebramos o casamento ao contrário? Casamento: festa de arromba antes de se seguir viagem para umas férias suntuosas. No primeiro aniversário, especial e emocionante, até é capaz de receber uma felicitação de parentes e amigos. No segundo aniversário, jantar e uma prenda. E por aí adiante, com uma categoria de prenda nomeada pela tradição (terceiro: couro; quinto: madeira; décimo: estanho), até chegar aos 15 anos, para os quais a prenda tradicional é cristal. Depois dos 15 anos, a tradição já não estipula uma prenda anual. Está por sua conta, sem prendas, até aos 20 anos, quando recebe porcelana, que não é tão cara quanto o cristal. Depois, aos 30 anos, a categoria é pérola, que basicamente significa que só a mulher recebe uma prenda.

Isto está tudo de pernas para o ar. Qualquer tolo consegue estar casado durante um ano. É possível chegar-se aos três anos meramente por ainda se estar inebriado pela exaltação da lua de mel. A altura em que realmente se começa a precisar de receber prendas de casamento é passado 15 anos, quando a novidade de se ter sempre alguém por perto já se esgotou. Deixar de dar prendas aos 15 anos é como encorajar as pessoas a assistirem só à primeira metade de um jogo de futebol ou até ao meio de uma maratona. Essas são as partes fáceis.

Lembrei-me desta inversão quando um velho amigo meu me telefonou. Já não falávamos há alguns meses e queria contar-me que ele e a mulher de há 20 anos iam divorciar-se. Ele disse-me que queriam fazer

de tudo aquilo uma experiência verdadeiramente positiva, por isso iam ficar a viver na mesma casa. Iam continuar a cozinhar um para o outro e a fazer coisas juntos. Mais para a frente acabariam por separar as contas deles. Insistiu que ainda se amavam, só não conseguiam estar casados. Observou que uma pessoa que ambos conhecíamos estava a fazer mais ou menos o mesmo.

É assim que os casamentos morrem: não é num qualquer acidente de viação impetuoso carregado de ódio, em discussões épicas com gritos e portas a bater, com sobreviventes ensanguentados a rastejarem para fora dos destroços fumegantes e para os braços de um técnico de emergência médica. As separações matrimoniais modernas mais parecem um processo de eutanásia num consultório veterinário sofisticado. Depois de uma discussão demorada acerca da qualidade de vida, a decisão de pôr fim à união é tomada com delicadeza e toda a boa vontade do mundo, para acabar com o tormento, tal e qual como se abate um animal de estimação depois de a função renal deste se tornar instável e ele passar a vida a sujar os tapetes. Não é algo feito devido à fúria contra a morte da luz matrimonial; a desunião consciente é o que está a dar.

É claro que o meu amigo estava a sofrer, mas estava principalmente envergonhado: não era o primeiro casamento dele. Tinha um filho crescido com a mulher anterior e estava preocupado com o que esse filho poderia pensar dele. À medida que me ia falando disso, fiquei com a impressão de que, para ele, era mais como perder um emprego do que perder um membro da família. Ou ter sido descuidado com o cartão de crédito e ter sido enganado. *Outra vez? Eh pá, o que é que se passa comigo?*

Ninguém gosta de ver as coisas desta maneira, mas é natural que haja casamentos fracassados. Eles podem ser emocionalmente equivalentes ao ato de abrir caminho por entre a neve com uma pá: começa-se com toda a força e dedicação mas exige-se muito mais das pessoas do que estas estavam à espera. É natural que as pessoas se fartem dos casamentos que têm. É natural que a comida se estrague, um fogo se extinga, o entusiasmo esmoreça.

Afinal de contas, não há decisão mais importante, mais arriscada, mais íntima que o ser humano possa tomar do que dizer que esta é a pessoa com quem vou passar a maior parte da minha vida. É esta a pessoa com quem vou criar mais humanos. É esta a pessoa cujo bem-estar terei agora em consideração em praticamente todas as decisões que tomar. É esta a pessoa cujo destino afetará o meu, cujas piadas e histórias terei de

ouvir enquanto usufruir de audição, cujos sapatos estarão sempre no meu armário, cujo cabelo entupirá a minha canalização eternamente.

Na era das empresas *start-up*, das lojas *pop-up* e das *flash mob*, uma relação que deve durar toda uma vida pode parecer uma anomalia. É demasiado definitiva. Não se presta a interrupções. Não lhe permite #fracassorápido, nem fazer atualizações. Seria de esperar que o tivéssemos eliminado juntamente com todas as outras invenções humanas que já não são úteis, como o arado e o fax, e ter de esperar uma semana até que o episódio seguinte dê na televisão.

Mas, embora seja natural que os casamentos se desintegrem, não é inevitável. Nem é desejável. Sabemos como preservar comida até precisarmos dela, ou como manter uma lareira acesa, ou como motivar as pessoas. Com alguma atenção minuciosa, a natureza pode ser dominada.

E o casamento, essa velha instituição bafienta, vale a pena o esforço. Dentro da maioria de nós, existe um desejo profundo de termos uma relação íntima com outra pessoa. Não só de termos um parceiro de brincadeiras, mas de todo o enredo, um marido ou uma mulher ou outro corpo quente que é só nosso e que gosta de nós como de mais ninguém e que prometeu acompanhar-nos ao longo de toda a viagem, até ao fim do mundo. Inquéritos mostram que casar continua a ser esmagadoramente o sonho dos jovens (tanto de homens como de mulheres). Os amantes que vão viver juntos e gostam da experiência continuam a torná-lo oficial, embora não precisem de o fazer. O casamento é uma parte tão crucial da nossa conceção de felicidade que, até hoje, se travam batalhas para perceber se pessoas do mesmo sexo podem participar nele. Isto porque, tal como muitas coisas contranatura — conduzir um veículo, mergulhar, cabelo cor de rosa —, um casamento que perdura pode ser fantástico. Marcante, enriquecedor, emocionante. Pode mesmo valer a pena.

Mas ninguém faz mergulho sem ajuda ou instruções. O casamento, que, historicamente, tem tido muito mais probabilidades de falhar do que um tanque de oxigénio, é a mesma coisa.

Há mais de uma década que escrevo e faço pesquisa sobre o casamento para a revista *Time*. Sempre achei o assunto fascinante, porque quase toda a gente tem uma história sobre a instituição que é nuclear para as suas vidas, quer se trate do próprio casamento, do casamento dos pais ou dos filhos ou dos melhores amigos ou até mesmo dos amantes. O casamento — referindo-me ao compromisso exclusivo de toda uma vida entre duas almas, seja ele oficializado pelo Estado ou pela Igreja ou

simplesmente entre vós — leva as pessoas a extremos: os seres humanos podem tornar-se melhores, com capacidade de grande empatia e sacrifício. Ou podem passar de vizinhos simpáticos normais a pessoas com comportamentos especialmente mesquinhos e vingativos.

À medida que fui escrevendo sobre ele, o matrimónio foi passando de uma instituição onde toda a gente esperava entrar um dia e safar-se para um ato de alto risco: público, gratificante, bastante difícil de ser bem-sucedido e, na verdade, nem sequer absolutamente necessário. Ser solteiro é mais fácil e mais aceitável do que nunca. Não existe qualquer obrigatoriedade para casar. O que era um rito de passagem tornou-se numa escolha de vida: menos uma ida ao supermercado, mais um passeio por um mercado de artesanato sofisticado.

O casamento foi transformado por pressões exercidas de todos os lados: financeira (economia baseada em trabalho temporário, o nível crescente de dívida, os caprichos do mercado imobiliário, a estagnação dos salários), tecnológica (avanços na medicina, especialmente no que diz respeito à fertilidade, encontros amorosos online, redes sociais) e sociológica (a crescente independência económica das mulheres, o estigma decrescente associado ao facto de não se ser casado ou de se ser pai/mãe solteiro/a). Depois há as ondas de choque do globalismo, a inovação digital em grande escala e a revolução da informação; mudanças sísmicas que moldaram a pequena ligação íntima entre duas pessoas. Lado a lado com tudo isto está um enxame de alterações mais pequenas que também fustigaram os limites do matrimónio: o renascimento da cidade, a igualdade no casamento, a fluidez de género, a Netflix, mensagens escritas, o iPhone, o serviço Blue Apron, pornografia online gratuita, o movimento #MeToo.

E, no entanto, entre toda esta agitação existem muitos motivos pelos quais casar, ou ficar com uma pessoa para o resto da vida, continua a ser uma escolha sólida. O casamento é, possivelmente, a única instituição sobre a qual se tem escrito quase tão vastamente no mundo académico quanto na literatura cor de rosa. E estudos revelam que faz mesmo bem às pessoas, especialmente nos Três C: Corpo, Conta bancária e Cama. As pessoas que vivem conjugalmente em felicidade são mais saudáveis, mais ricas e estão mais satisfeitas com a vida, no geral, do que as pessoas cujas relações não duram. É mais provável que os filhos delas prosperem. Em média, fazem mais sexo. Mas, tal como em qualquer bom negócio, existem algumas condições implícitas: para usufruírem das vantagens, têm

de se manter juntos, o que não é nada fácil. E não se pode detestar estar casado, nem um ao outro. Um estudo de Harvard que tem acompanhado centenas de homens de Massachusetts ao longo de oitenta anos (até agora) descobriu que a melhor e única forma de prever a saúde masculina aos 80 anos foi a satisfação que cada um teve na sua relação aos 50. Mas também descobriu que viver num matrimónio com conflitos constantes era semelhante a viver numa zona de guerra. As pessoas com uniões desditosas são mais infelizes e menos saudáveis do que as que optaram por ficar solteiras. O desmoronamento de um matrimónio é lembrado por quem passou por ele como a época mais sombria das suas vidas.

Posto tudo isto, pensar-se-ia que deveríamos preparar-nos para este exercício de forma tão séria quanto nos prepararíamos para um, por exemplo, exame final de física. Afinal de contas, o leitor pode restaurar uma casa ou mudar-se. Pode mudar de carreira. O seu cabelo volta a crescer. Com um pouco de esforço, pode deixar as decisões infelizes para trás e esquecê-las. Mas, principalmente se tiver filhos, existem muito poucas maneiras de se livrar por completo de um antigo cônjuge e quase de certeza nenhuma que seja legal.

No entanto, de certo modo esperamos que estes relacionamentos simplesmente corram bem. As pessoas tentam abrir as costuras das suas vidas e dos seus corações e coser outra pessoa neles, supondo que a peça de roupa resultante será confortável para sempre. Podem nem sequer reparar que tudo começou a desgastar-se até que um dia tudo se rasga, deixando-as vulneráveis e expostas.

A boa notícia é que temos muito que investigar para descobrir o que faz com que um matrimónio resulte. Devido à centralidade dessa relação na vida das pessoas e ao efeito sobre o bem-estar dos filhos durante muitos anos a seguir, sociólogos, psicólogos, cientistas de relacionamentos e quem estuda o comportamento humano examinaram a instituição minuciosamente. Embora o desejo de descobrir um companheiro para toda a vida não tenha mudado, a forma como as pessoas abordam esta questão mudou; por isso, a investigação é constantemente atualizada e revista.

Muitos terapeutas também escreveram livros excelentes sobre os matrimónios que observaram e ajudaram e como tiraram muitos casais da lama. Em vez de estudarem um vasto espectro de comportamentos e de retirar conclusões, estes clínicos fazem uma análise profunda e íntima do que acontece entre duas pessoas. Existem problemas que se repetem

em muitos casais? Existem soluções universais? Normalmente, a especialidade deles informa o que observam: terapeutas urbanos podem oferecer uma perspectiva, conselheiros da fé podem basear-se numa ligeiramente diferente e os sexólogos noutra. Os conselhos deles, porém, têm coisas em comum que, muitas vezes, se cruzam com os conselhos dos investigadores. Se os sociólogos estudam a instituição do matrimónio como se esta fosse uma montanha, os terapeutas estudam-na como se se tratasse de mil montículos de terra erguidos por toupeiras. Este livro examina as duas perspectivas e aponta os temas predominantes.

Com o passar do tempo, tentei ficar a conhecer o matrimónio qual correspondente estrangeiro tenta conhecer um país, tomando nota dos padrões e coincidências, descobrindo o que tem o ser humano de universal e o que é particular de cada casal. Li inúmeros estudos e artigos científicos revistos por pares e entrevistei os investigadores. Conversei com terapeutas de todos os tipos, conselheiros matrimoniais, sexólogos, consultores financeiros. Analisei minuciosamente estatísticas sobre o matrimónio e conversei com demógrafos sobre o que elas significam. Tentei descobrir qual é verdadeiramente a taxa de divórcios (para primeiros casamentos, provavelmente, está acima dos 37 por cento). Conversei com professores de sociologia, psicologia, estudos da família e pelo menos um professor de comportamento do consumidor. Convenci alguns estatísticos a reanalisarem os valores que tinham de uma forma um pouco diferente para mim, de modo a reverem os dados deles. Também perguntei a centenas de cidadãos da matrimoniolândia como é viver lá, interrogando-os sobre o dinheiro deles, as vidas sexuais, as discussões e os divórcios e a forma como lidaram com a parentalidade. Caramba! Como as pessoas adoravam vir ter comigo em festas.

E é claro que só ficamos a conhecer um sítio depois de lá termos vivido. Por isso, também me valerei do meu próprio casamento de um quarto de século com um homem que é muito diferente de mim. Eu sei que toda a gente diz isso, mas eis o quão diferentes somos: ele e eu fizemos uma caminhada por ano durante sete anos, cada uma mais atroz do que a anterior, até ele, finalmente, me dizer que não conseguia entender porque é que eu não queria ser namorada dele. E eu respondi algo do género: «Espera lá, *tu gostas de mim?*» As últimas três décadas, mais coisa menos coisa, têm sido um exercício de tecelagem de uma ponte de corda sobre esse abismo da comunicação. Ainda existem muitas lacunas traiçoeiras, mas costumamos conseguir atravessá-las.

Se está a ler isto numa livraria ou a dar uma vista de olhos na pré-visualização online e só quer saber, nos próximos 45 segundos, se deve ou não deixar o seu parceiro, nesse caso a resposta que tenho para si é: provavelmente, não. Pelo menos, não para já. Há pouco tempo, a ideia de que uma relação de longa data vale alguma coisa por si só perdeu algum brilho. Em parte porque a permanência está temporariamente desfavorecida. Agora estamos mais a favor da rutura. Já não se concede honra às coisas que existem há algum tempo simplesmente porque perduraram. Mas existem exceções: catedrais bonitas, florestas antigas, roupas *vintage*. Há coisas que vale a pena restaurar, ou, melhor, manter. A sua união poderá ser uma delas.

Alguém devia mesmo inventar tradições para aqueles aniversários intermédios. A indústria dos presentes já tentou, mas as ideias que tiveram são disparatadas. A Biblioteca Pública de Chicago elaborou uma lista que sugeria um instrumento musical para o 24.º aniversário de casamento. Obrigada, Chicago, porque nada incendeia o nosso coração como alguém na nossa vizinhança a aprender a tocar um instrumento musical novo. Se fôssemos realistas acerca dos anos de casamento mais avançados, escolheríamos artigos feitos de resina, que são coisas tóxicas que endurecem e se tornam duradouras; ou pedra-pomes, que é no que se transforma uma atividade extremamente quente; ou colchas de retalhos, em que estes estão cosidos uns aos outros. Isto são prendas que poderiam ter algum significado.

No entanto, até se resolver este lapso terrível, resumi aquilo que aprendi sobre estar-se casado em seis temas, seis desafios que todos os casais casados ou comprometidos para toda a vida terão de dominar ou com que terão, pelo menos, de lutar a caminho de um final feliz ou, no mínimo, viável. Coincidência das coincidências, são só palavras começadas por F: Familiaridade, Forjar discussões, Finanças, Família, Fazer amor (não era o meu título original) e Fazer por procurar ajuda. Não posso garantir que resolverão tudo ou que serão fáceis de ultrapassar. Mas posso garantir que serão mais divertidos do que aprender a tocar saxofone.

CASAMENTOLOGIA

CAPÍTULO 1

Familiaridade





O meu marido Jeremy tem uma espécie de ritual com envelopes. Embora já lhe tenha mostrado centenas de vezes onde estão, pergunta-me sempre se temos envelopes. Estão na prateleira, juntamente com os outros artigos de escritório, ao lado das canetas, mesmo por cima das fotografias dos nossos filhos, que temos em duplicado mas não conseguimos deitar no lixo, e das ementas, que também não deitámos fora. Têm lá estado guardados durante décadas, em saliências estreitas que fazem lembrar a abertura de uma caixa de correio. Um absoluto estranho na nossa casa, à procura pela sala, teria percebido imediatamente que este era o local ideal para guardar envelopes. Bem, não interessa. Sempre que o meu marido tem de enviar alguma coisa por correio, diz: «Temos envelopes?»

À superfície parece uma pergunta tão inocente e a resposta tão fácil. «Temos, querido. Estão na prateleira, ao lado das canetas.» Mas só me dá vontade de encher os bolsos com pedras e atirar-me ao mar. Ou, ainda melhor, pegar nelas e atirar-lhas a ele.

Tudo me irrita e deprime nesta pergunta dele. Porque é que não decora onde estão? Porque é que a atenção dele é muito mais valiosa do que a minha ao ponto de ter de lhe responder a isto constantemente? Toda a abordagem passivo-agressivo dele, «Temos envelopes?», é ainda mais irritante. Ele não está a pedir «Arranjas-me um envelope?». Isso significaria que ele teria de enfrentar o facto de nunca se ter dado ao trabalho de decorar uma

coisa básica em relação à arrumação da casa. Isso significaria reconhecer que está a tratar a mulher como a assistente pessoal dele. Significaria claramente que o que ele realmente quer é que *eu vá buscar-lhe um envelope*.

«Temos envelopes?» é o que o meu marido pergunta. O que eu ouço é «Seja o que for que estou a fazer neste momento é vital, mesmo que sejam só tarefas postais aleatórias. Já tu, de certeza que não estás a fazer nada importante. Trazer-me os artigos de escritório que estão nas prateleiras por trás de mim enquanto falo, bastando simplesmente virar-me e procurar, é o tipo de tarefa insignificante mesmo adequada às tuas capacidades.»

Como é que isto aconteceu? Amo este homem. Há anos que amo este homem. Nunca conheci ninguém como ele. Ele faz coisas bonitas, sejam elas edifícios, refeições, crianças ou aventuras. É atraente, forte e excelente na cama. É paciente e estoico. Inventava teorias divertidamente improváveis sobre fenómenos com explicações perfeitamente normais e insiste em defendê-las perante provas inegáveis. Já passámos duas décadas e meia de coexistência maioritariamente feliz. Não sei o que seria de mim sem ele. Então, porque é que uma imperfeiçãozinha como esta me irrita?

Por causa da familiaridade. A familiaridade é com o que o leitor fica quando todo o entusiasmo de um relacionamento novo se gasta, que nem os propulsores de um foguetão, e entra numa órbita em que o seu cônjuge raramente o surpreende. É o que se segue às conversas pela noite dentro sobre as vossas esperanças e desejos, que são substituídas por negociações sobre quem vai buscar os miúdos nesse dia. É quando um relacionamento tem mais a ver com deslocações do que com aventura, tem mais a ver com planeamento de refeições do que jantar fora. A familiaridade é o subproduto natural de todos os casamentos e é, de várias formas, algo maravilhoso, que nem sapatos confortáveis. Mas pode ser uma enorme chatice e, se não for tratada devidamente, pode conduzir do aborrecimento e da frustração para um território muito mais sombrio e mais destrutivo. E para os casais que querem ficar juntos a longo prazo na nossa era, a familiaridade é um problema maior do que alguma vez foi.

NOTÍCIA DE ÚLTIMA HORA: O CASAMENTO ESTÁ A MUDAR

Na primeira vez em que ouvi alguém oferecer aconselhamento conjugal fiquei aterrorizada. Na altura era estudante da faculdade, a meio de uma

viagem de automóvel desastrosa. Eu e os meus amigos estávamos a tentar chegar às montanhas no miniautocarro antigo do meu irmão, que não costumava fazer viagens mais longas do que subir e descer a entrada da nossa casa. O pobre coitado só aguentou até sairmos da cidade e já era tarde ao ponto de não podermos ligar a ninguém que conhecêssemos a pedir ajuda, por isso, enquanto os meus amigos ficaram à espera no miniautocarro, eu aventurei-me a entrar no único estabelecimento aberto (isto aconteceu antes dos telemóveis), um bar local cheio de operários acabados de sair do turno deles, à procura de um telefone e um reboque. Quando telefonei, o condutor disse-me para esperar lá.

Enquanto esperava, com o meu refrigerante na mão, um cliente habitual começou a falar alto para ninguém em especial mas, do mesmo modo de tantos profetas, para todos nós. — O casamento é assim — disse ele à sala. — Acabamos sempre por voltar para a porra da nossa mulher, porque mais nenhuma c**a de me**a se está nas tintas para nós. (Para quem estiver interessado em saber, isto aconteceu na Austrália.)

Era uma imagem de certo modo sombria da nossa mais célebre instituição romântica, mas não estava totalmente desfasada para a época. Para gerações anteriores, o casamento era como o autocarro do meu irmão: não era o veículo ideal para os sonhos delas mas era o que tinham. E para muitos casais — os mais dedicados à manutenção, ou os que escolhiam destinos melhor do que eu —, resultava. A minha mãe e o meu pai, que estiveram casados uns impressionantes 60 anos, nunca esperaram que a união deles fosse emocionante. Ficaria menos chocada a ouvir os meus pais a falarem a língua dos elfos do que a dizerem «Amo-te» um ao outro. Até mesmo quando era criança, reparava no modo como o tom de voz da minha mãe se tornava insípido quando atendia o telefone — *Estou!* — e descobria que era o meu pai: «Ah, és tu. O que queres?» Não ponho o amor nem a dedicação deles em causa, mas antes do 59.º aniversário deles, perguntei à minha mãe qual era o segredo para um casamento longo. «Tolerância», respondeu-me, sem hesitar.

Já não pensamos assim sobre as nossas uniões para a vida. Já lá vai o tempo em que encontrávamos um candidato possível, dávamos o nó e depois atravessávamos todas e quaisquer tempestades ou oceanos pacíficos com que nos deparávamos. O ato de casar é agora considerado como uma promoção para um melhor tipo de vida, como se fosse uma atualização para a classe executiva, com todo o tipo de regalias associadas. As pessoas querem mais do matrimónio do que simplesmente um rosto

familiar que as receba em casa. Querem compromisso, estímulo, segurança, devoção, estatuto, liberdade, ligação, colaboração, melhoria da marca pessoal, transformação e todas as sensações. No livro de Terrence Real, *The New Rules of Marriage*, o terapeuta familiar escreve: «Se o casamento do século xx era *sociável*, o novo casamento é *íntimo*.» «Física, sexual, intelectual e, acima de tudo, emocionalmente.»¹ À medida que o modelo tradicional de casamento — 1 ganha-pão + 1 doméstica = 1 família — vai desaparecendo, os sentimentos tornaram-se mais importantes. «O antigo modelo de casamento era casarem-se para obter segurança financeira e tolerarem-se um ao outro. Tinha tudo a ver com sobrevivência econômica», disse-me a psicoterapeuta Sue Johnson. «Agora tem a ver com sobrevivência emocional. O que as pessoas querem não é uma familiaridade sem emoções.»

Mas a familiaridade — com ou sem emoções — faz parte. Tanto é a recompensa de um relacionamento prolongado como é o seu fardo. Pode levar-nos a tratar da pessoa que deveríamos amar descuidadamente. Pode fazer-nos achar que os nossos cônjuges estão a impedir-nos de evoluir. Pode transformar-se em desdém. E, na nossa era moderna, que renuncia ao mundano e ao comum em prol da novidade e da insubordinação, a familiaridade que é uma parte inevitável da vida com outro pode parecer mais opressiva do que bem-vinda.

Eli Finkel, da Universidade de Northwestern, estudou o matrimónio moderno ao longo de anos e concluiu que o que as pessoas querem dos respetivos casamentos no século XXI vai para além da mera tolerância. O que querem é melhoria. As pessoas querem relacionamentos que as tornem em versões mais perfeitas delas próprias. «Continuamos a ver o nosso casamento como um centro de amor e paixão e continuamos a ver a nossa casa como um paraíso num mundo cruel, mas para cada vez mais de nós, um casamento que alcance essas coisas sem promover a autoexpressão não basta», escreve Finkel.² Não queremos alguém que nos conhece e nos aceita tal como somos. Queremos um parceiro que nos conheça suficientemente bem para nos ajudar a alcançarmos uma versão melhor e mais genuína de quem somos. Um casamento meramente OK não basta. Tal como o café e o pão de hoje, espera-se que os casamentos de hoje sejam de uma maior qualidade.

Porque é que as pessoas continuam a exigir mais dos respetivos casamentos? Uma teoria³ sugere que tem a ver com mobilidade relacional. Nas sociedades em que as pessoas podem mudar facilmente de parceiros,

como os Estados Unidos, os parceiros procuram e expressam mais paixão porque querem consolidar o relacionamento; é uma forma de manter os parceiros interessados e de manter outros afastados. No Japão, pelo contrário, geralmente existem expectativas emocionais mais baixas em relação ao casamento porque é mais difícil mudar de parceiros. (A lei japonesa não permite guarda conjunta.)

É claro que não há problema nenhum num relacionamento mais exigente e emocionante, a não ser que é quase impossível alguém proporcionar continuamente uma satisfação emocional 100 por cento garantida à outra pessoa, principalmente enquanto viverem e especialmente durante o tempo que muitos de nós agora vivem. Todos queremos mais de um cônjuge do que qualquer humano alguma vez conseguiria oferecer. E ficamos chocados quando não recebemos tudo. «Tornou-se mais difícil que o nosso casamento corresponda às nossas expectativas, o que significa que mais de nós acabam por ficar desiludidos», observa Finkel.⁴ A culpa destas suposições insensatas não é inteiramente nossa. Durante anos, todos nós fomos sendo convencidos desta mercadoria falsa, levados a acreditar erroneamente na existência da alma gémea.